



## GEOGRAFIA EM BASES ONTOLÓGICO-EXISTENCIAIS: A VIA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER

Josimar Monteiro Santos <sup>1</sup>  
Luis Carlos Tosta dos Reis <sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho considera a relação entre a Geografia e o pensamento de Heidegger, tendo como foco o problema da fundamentação ontológica desta ciência. Seu objetivo consiste em fomentar uma reabilitação da investigação sobre a ontologia nesta ciência através do modo específico com o qual o filósofo apreende o método fenomenológico de investigação. Para tanto, buscará orientar a discussão sobre o assunto para a exposição do existencial ser-em que viabiliza a interpretação fenomenológica do espaço enquanto fenômeno originário que, de acordo com o filósofo, corresponde ao espaço existencial que está à base de toda representação conceitual das ciências que efetivam suas pesquisas através de uma determinação teórica específica sobre o espaço, como no caso da Geografia. Para tanto seria indispensável compatibilizar a investigação ontológica na Geografia com a análise do ser-aí humano, através das diretrizes do método fenomenológico de investigação contidas em *Ser e Tempo*. A pesquisa se justifica na medida em que constitui uma via pouco desenvolvida na disciplina, sendo que, via de regra, o assunto permanece submetido a um tratamento de caráter estritamente teórico. O principal resultado da pesquisa apontou no sentido da necessidade de se divisar um campo efetivamente fenomenológico de investigação da ontologia do espaço na disciplina, que traduz o próprio sentido e a meta fundamental de uma Geografia em bases ontológico-existenciais a partir da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger.

**Palavras-chave:** Geografia, Ontologia, Fenomenologia; Heidegger.

### ABSTRACT

The work considers the relation between Geography and Heidegger's thought, focusing on the problem of ontological solid ground of this science. Its goal is to promote a rehabilitation of investigation concerning the ontology in this science through a specific way in which the philosopher apprehends the phenomenological method of investigation. For this, It will seek to guide the discussion about the matter for the exposition of the existential being-in which make viable the phenomenological interpretation of space as originary phenomenon that, in according to philosopher, corresponds to the existential space that is at the base of all conceptual representation of sciences that lead their researches through a specific theoretical determination about space, such as Geography. To do so, it is essential to make ontological research in Geography compatible with the analysis of human being-there, through the guidelines of the phenomenological method of investigation contained in *Being and Time*. The research is justified insofar as it constitutes a path that is little developed in the discipline, where as a rule, the subject remains submitted to a treatment of a strictly theoretical nature.

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, [josimar.histogeo@gmail.com](mailto:josimar.histogeo@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Ufes, [lcosta.reis@gmail.com](mailto:lcosta.reis@gmail.com);



The main result of the research pointed towards the need to make available an effectively phenomenological field of investigation of the ontology of space in the discipline, which translates the very meaning and the fundamental goal of a Geography on ontological-existential bases from the Heidegger's phenomenology-hermeneutics.

**Keywords:** Geography, Ontology, Phenomenology; Heidegger.

## INTRODUÇÃO

O trabalho considera a relação entre a Geografia e o pensamento de Heidegger tendo como foco o problema da fundamentação ontológica desta ciência. Seu objetivo consiste em fomentar uma reabilitação da investigação sobre a ontologia do espaço nesta ciência a partir do modo específico com o qual o filósofo apreende a fenomenologia, notadamente referido ao âmbito da Ontologia fundamental aspirada em *Ser e Tempo*, isto é, enquanto um método fenomenológico de investigação. Para tanto o texto buscará orientar a discussão sobre o assunto para a exposição do existencial ser-em (In-sein) que viabiliza o acesso à interpretação fenomenológica do espaço enquanto fenômeno originário que, de acordo com o filósofo, corresponde ao espaço existencial que estaria à base de toda representação conceitual das ciências que efetivam suas pesquisas através de uma determinação teórica específica sobre o espaço, como no caso do espaço geográfico na Geografia. A pesquisa proposta se justifica na medida em que sugere fomentar uma via de problematização do assunto que, nos termos enunciados, permanece relativamente pouco desenvolvida na ciência geográfica, a despeito da presença incontestada com a qual se faz notar a referência ao pensamento de Heidegger e o interesse reiterado da discussão sobre a ontologia do espaço no debate atual da disciplina.

O encaminhamento proposto no presente trabalho traz à tona uma série de elementos envolvem a interseção entre, por um lado, o modo com o qual a ontologia e o pensamento de Heidegger foram assimilados e desenvolvidos no plano interno da Geografia e, por outro lado, os condicionantes intrínsecos às diretrizes método fenomenológico de investigação, tal como o filósofo o considera. A relação entre esses âmbitos não é, como será possível constatar no que segue, uma relação simples, de tal forma que, em certa medida, a interpretação teórica do assunto pode limitar ou, mesmo, obstruir a investigação fenomenológica pretendida. Em razão do caráter dilemático da relação entre a filosofia fenomenológica e a teoria (*lato sensu*), bem como, da prevalência do tratamento teórico que foi dispensado ao assunto na Geografia, optou-se por considerar, preliminarmente, um panorama, tão sintético quanto possível, das principais vertentes do debate teórico sobre o assunto nesta disciplina. O propósito desta



apresentação panorâmica do debate teórico não será orientada no sentido de conduzir uma apresentação extensa e minuciosa sobre o assunto na teoria da geografia, mas, ao contrário, será desenvolvida com um direcionamento bastante restrito, a saber: evidenciar, sobretudo, os elementos que revelam, de forma mais imediata, o caráter radicalmente diverso - em relação ao tratamento teórico - que é exigido por uma investigação fenomenológica, no sentido estrito esposado no presente trabalho.

Como será possível observar, a ênfase dispensada à interpretação do significado do existencial ser-em, por sua vez, traduz a centralidade desse existencial para a analítica do ser-aí, que constitui, por sua vez, o procedimento básico através do qual a meta da Ontologia fundamental aspirada pelo filósofo em *Ser e Tempo*, a saber, a elaboração da questão sobre o sentido de ser é, efetivamente, deflagrada no referido livro. Além disso, sugere-se que a exposição do existencial ser-em, enquanto experiência intrínseca à própria da analítica do *ser-aí* constitui um procedimento inerente à descrição fenomenológica do espaço como fenômeno originário e, nesse sentido, resguarda a interface entre a Ontologia fundamental aspirada pelo filósofo em *Ser e Tempo* e a pesquisa sobre as bases ontológico-existenciais na Geografia.

Assim, o presente trabalho considera que a consecução do seu objetivo, acima enunciado, se articula, de forma iniludível com a necessidade de compatibilizar a própria meta da Ontologia fundamental aspirada em *Ser e Tempo* e os condicionantes que lhes são intrínsecos, com a investigação sobre o problema da fundamentação ontológica na Geografia. Essa compatibilização assenta-se no reconhecimento de que o acesso ao espaço enquanto fenômeno originário implica não somente a legitimidade, mas, sobretudo - como já considerado em publicações precedentes (REIS; SANTOS; 2017; 2019; SANTOS; REIS, 2019), o caráter imprescindível do geógrafo assumir a analítica do ser-aí como uma tarefa intransponível quando se trata de considerar a possibilidade de uma Geografia em bases ontológico-existenciais a partir do pensamento de Heidegger.

## **A BASE TEÓRICA SOBRE O ONTOLOGIA NA GEOGRAFIA: UM DESAFIO PARA A PROBLEMATIZAÇÃO FENOMENOLÓGICA.**

A via de problematização sobre o assunto articula, basicamente, dois quadros relativos ao referencial bibliográfico: o quadro acerca do debate teórico sobre o assunto na Geografia e, também, a bibliografia dedicada ao método fenomenológico de investigação referido ao



pensamento de Heidegger. Há, como será evidenciado mais adiante, entre esses dois enquadramentos bibliográficos, uma diferença de fundamental importância, que afeta diretamente a assimilação do método fenomenológico de investigação, tal como o filósofo o considera, notadamente em *Ser e Tempo*. Na medida em que à interlocução com Heidegger é, na presente pesquisa, diretamente convergente ao caráter de “método” - não obstante peculiar - com o qual o filósofo apreende a própria fenomenologia, a exposição que se segue no presente item irá se concentrar na qualificação do assunto no debate teórico interno à Geografia, reservando o diálogo mais sistemático com o aporte bibliográfico referido ao pensamento do filósofo ao item subsequente.

No que diz respeito ao aporte teórico desenvolvido sobre o assunto no plano interno da ciência geográfica foi observado a possibilidade de segmentá-lo em três modalidades: (i) publicações dedicadas à ontologia do espaço vinculados ao horizonte da crítica-radical; (ii) publicações dedicadas à ontologia sob influência do pensamento de Heidegger vinculados ao horizonte humanista; (iii) publicações relativamente recentes que têm procurado encetar um diálogo renovado entre a ciência geográfica com Heidegger, que fomentam uma interpretação significativamente distinta da interpretação humanista do filósofo; bem como dispõe subsídios para incitar uma reabilitação do problema da fundamentação ontológica do espaço na geografia sob um parâmetro diverso àquele estabelecido na Geografia crítica-radical.

De modo geral, os trabalhos dedicados à ontologia do espaço no contexto da Geografia crítica-radical – bem como das orientações teórico-metodológicas derivadas dessa vertente - estabeleceram um estatuto de resolução ontológica na Geografia segundo o qual o ser é a sociedade (HARVEY, 1980; SANTOS, 1978; SILVA, 1982; SOJA, 1991; MORAES, 1982). Tal como observado por Reis e Santos (2019; p. 175), o referido estatuto foi divisado sob influência direta do pensamento marxista, que assumiu um alcance amplo nesta ciência. Ainda, segundo os autores, o referido estatuto de resolução ontológica pode se revelar de forma tácita ou expressa. Nesse último caso ele se verifica em formulações tais como “O ser é a sociedade total, o tempo são os processos, e as funções, assim como as formas são a existência” (SANTOS, 1978; p. 218). A manifestação tácita dessa posição ontológica se apresentaria, por sua vez, em toda pesquisa (teórica ou empírico-aplicada) tributária da noção de produção social do espaço, tendo em vista que essa noção constitui, precipuamente, um correlato da resolução ontológica segundo a qual o ser enquanto tal e, mais especificamente, o ser do espaço geográfico são socialmente determinados. Assim, a determinação social do ser



do espaço e produção social do espaço constituem formulações equivalentes, no que diz respeito à fundamentação ontológica do espaço na Geografia crítica-radical. Assim, na medida em que na vertente da Geografia crítica-radical há uma fomentação de um estatuto de resolução ontológica segundo o qual o ser é a sociedade, esse horizonte suprime tacitamente a necessidade de se levar a questão sobre o sentido de ser e, por conseguinte, a diferença absolutamente central para o pensamento de Heidegger, a saber, a diferença ontológica entre ser e ente. Essa diferença não tem “sentido” para o modo com o qual a Geografia crítica-radical considera a ontologia do espaço. Por conseguinte a questão do ser, enquanto tal, não pode constituir um problema efetivo para essa vertente da Geografia. Não se trata de repreender esse encaminhamento, mas, tão somente, de reconhecer que essa forma de tratar a ontologia já foi conquistada e está estabelecida na disciplina e, além disso, de acordo com o que foi evidenciado acima, torna-se patente que se trata de uma perspectiva radicalmente diversa com a qual, através da fenomenologia de Heidegger, seria possível investigar o problema da fundamentação ontológica na Geografia.

Por sua vez, as publicações vinculadas ao horizonte humanista que consideram a ontologia na Geografia através da vinculação expressa à fenomenologia de Heidegger desenvolveram um tratamento bastante peculiar ao assunto, em função da interpretação, contrassensual, humanista que foi dispensada ao filósofo (SANTOS, 2017). Destaque-se, nesse sentido, uma citação do livro *O Homem e a Terra*, de Eric Dardel, publicado em 1952 e reiteradamente reverenciado como precursor da vertente da Geografia humanista, mais especificamente uma passagem reservada à exposição da concepção de espaço geográfico esposada pelo referido geógrafo:

“[...] Esse espaço material não é, de forma alguma, uma ‘coisa’ indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana. Uma região montanhosa não é, antes de tudo, uma região que obstrui a circulação dos homens? A planície só é ‘vasta’, a montanha só é ‘alta’, a partir da escala humana, à medida de seus desígnos. (...). Antropocentrismo, dirão! Mas é necessário tomar partido: fora de uma presença humana atual ou imaginada, não há nem mesmo a geografia física, somente uma ciência vã. O antropocentrismo não é uma imperfeição, mas uma exigência inelutável (DARDEL, 2011, p. 8, grifo nosso) .

A passagem acima atesta que o caráter precursor de Dardel para a assimilação de Heidegger na ciência geográfica e da influência inequívoca do filósofo no livro *O Homem e a Terra* não constituem, de modo algum, uma garantia de uma interpretação convergente às resoluções básicas do pensamento do filósofo. Isto, pois, na medida em que o antropocentrismo, exortado pelo geógrafo, constitui um correlato do humanismo e, por sua



vez, o humanismo é considerado pelo próprio Heidegger como tributário de um modo de pensar o homem que inviabiliza o acesso à experiência fenomenológica que ele procurou promover em *Ser e Tempo* - sob estrita filiação ao método fenomenológico de investigação (§.7) - deve estar claro, em suma, em que medida a proveniência da interpretação humanista de Heidegger na Geografia é problemática. Contudo, esse perfil de interpretação humanista do filósofo foi assumido de maneira insuspeita entre os Geógrafos humanistas, constituindo uma chave interpretativa que se reproduziu décadas a fio, como é possível reconhecer, de forma cabal, na passagem do prefácio da edição brasileira do livro publicado em 2011:

“[...] O que o leitor possui em mãos é o mais bem acabado ensaio para uma geografia fenomenológica. O pioneirismo quase visionário de Dardel ainda não foi superado em uma tão bem composta reflexão da natureza da relação da Geografia com a Fenomenologia, fundando, em última análise, uma outra forma de se entender a ciência geográfica. (...).

E não poderia chegar em melhor momento. Nas duas últimas décadas o interesse pela reflexão espacial na filosofia tem crescido grandemente, junto com a preocupação epistemológica e (embora mais tímida) ontológica. (...). Autores como Martin Heidegger e Gaston Bachelard têm sido evocados como fundamentais para uma filosofia do espaço, (...). Dardel bebeu tanto de um quanto de outro, além de outros filósofos fenomenologistas (...).

Por esses e tantos outros motivos, entendo que a tradução brasileira de *O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica* é um presente para nossas bibliotecas, vindo enriquecer e movimentar um conjunto de discussões que tem carecido de um olhar humanista que coloque o homem como motivação e parâmetro para a ciência. Não uma ciência antropocêntrica. Uma ciência humanista em seu sentido amplo: fazendo crescer e prosperar tudo que é próprio do ser humano. E se Homem e Terra são uma coisa só, como pensa Dardel, então não há nada mais humanista do que pensar nas relações essenciais que nos ligam a tudo que nos cerca (MARANDOLA JR., 2011; pp. xi – xiv; grifo nosso).

Salta aos olhos, na citação acima, observar que o prefaciador não somente entra em franca contradição com a concepção de ciência esposada por Eric Dardel - tendo em vista que a contundência da exortação ao antropocentrismo pelo geógrafo francês deixa pouca margem para dúvidas - mas, sobretudo, a citação é reveladora do perfil dominante da interpretação de Heidegger na Geografia humanista: através de uma via não somente diversa, mas, sobretudo, inconciliável com a posição que o próprio filósofo manifestou sobre o humanismo. É instigante observar nesse sentido que, na citação acima, o prefaciador consegue, numa única passagem, entrar simultaneamente em contradição com o autor do livro e também com o filósofo. Isto, pois, a concepção antropocêntrica da ciência exortada por Dardel é denegada, no prefácio do livro, em favor de uma concepção humanista que, supostamente, seria compatível com a fenomenologia de Heidegger. Assim, através desses equívocos multiplicados se difunde, entre os geógrafos, não somente uma interpretação crassamente equivocada da fenomenologia de Heidegger, mas, além disso, essa mesma interpretação é



sugerida como um modelo a ser seguido (“...o mais bem acabado ensaio para uma geografia fenomenológica”). Ao que é dado depreender, a razão que justificaria as contradições observadas no prefácio do livro corresponde à apologia institucional da Geografia humanista, função da qual seria concedida a licença para desconsiderar tanto o conteúdo da concepção da ciência reclamada por Dardel, quanto, igualmente, do conteúdo da fenomenologia em Heidegger. A citação serve, ainda, para ilustrar, de forma lapidar, os atributos destacados por Gomes (1996), como típicos da Geografia humanista-fenomenológica, quais sejam: ecletismo e ambiguidades. Não se trata, ratifique-se, de levantar uma objeção obtusa à Geografia humanista em geral e, muito menos, ao ecletismo que lhe é característico, mas de problematizar as consequências que, particularmente, a leitura humanista pode exercer quando se trata da assimilação de uma orientação estrita da fenomenologia, como se torna patente no caso de Heidegger. A difusão da leitura humanista do filósofo é, contudo, a consequência mais evidente do equívoco que ela promove e que, assim, se difunde de forma insidiosa na disciplina, como atestam - dentre tantos exemplos - publicações que propõe expressamente contribuir à ciência geográfica “[...] pela perspectiva da geografia humanista de base fenomenológica e através dos escritos de Martin Heidegger [...]” (OLIVEIRA, 2017, p. 63). Esse equívoco não afeta apenas a formação atual dos geógrafos, mas acomete também pesquisadores experientes na epistemologia da disciplina, como no caso de Oswaldo Bueno A. Filho, para quem, o “...crescimento dos estudos humanista-culturais, que desvelam a condição dos seres-em-situação, tal como preconizado por Heidegger e seus continuadores” (AMORIM FILHO, 2018 *apud* MARANDOLA JR., 2021), encerraria uma assimilação plausível do filósofo nesta ciência. A associação do filósofo com o humanismo, constitui, contudo, tão somente a epiderme de contradições mais profundas que deturpam elementos da fenomenologia de Heidegger e, assim importados para Geografia, comprometem de forma aguda a própria inteligibilidade do filósofo entre geógrafos. Essa deturpação incide, até mesmo, sobre contribuições que teriam suplantado o referido problema, como no caso de Pickles (1985), nos termos já considerados por Reis; Santos (2019); Santos; Reis (2018) - embora, nesse caso, seja necessário desenvolver uma análise mais minuciosa, que se pretende fazer ulteriormente.

Os traços básicos do tratamento dispensado ao assunto na Geografia humanista, sumariamente arrolados acima, incitou o surgimento de publicações dotadas de um escopo diverso. Trata-se de publicações que têm procurado encetar um diálogo renovado entre a



ciência geográfica com a fenomenologia de Heidegger e, através desse esforço, fomentam uma interpretação significativamente distinta da interpretação humanista; bem como incitam uma reabilitação do problema da fundamentação ontológica do espaço na geografia (PICKLES, 1985; ELDEN, 2001; 2005; JORONEN, 2010; REIS; SANTOS, 2019) sob um parâmetro diverso àquele estabelecido na Geografia crítica-radical . É nesse “nicho bibliográfico” que o presente trabalho encontrou subsídios para endossar a perspectiva de problematização enunciada em sua introdução, qual seja: fomentar uma investigação ontológica do espaço na Geografia através da fenomenologia de Heidegger. Essa orientação espousa uma perspectiva de investigação do assunto que já tem sido desenvolvida por um “projeto” de pesquisa que articula uma série de trabalhos precedentes (REIS; SANTOS 2019; SANTOS; REIS, 2018;2019; ZADOROSNY, 2018; REIS, 2009; 2012). Na medida em que o foco que se pretende dedicar à exposição do existencial ser-em é derivado dessa perspectiva, observou-se importante qualificá-la, uma vez mais, no presente trabalho. Assim, conforme registrado em publicação precedente, a perspectiva geral no bojo da qual o presente trabalho se inscreve, se efetiva a partir do entendimento segundo o qual,

“(…) a reabilitação do problema da fundamentação ontológica constitui o foco sobre o qual uma ciência específica – a geografia, por exemplo – deveria se restringir, a fim de permitir que o elemento propriamente fenomenológico do pensamento de Heidegger possa ser conquistado e aberto ao desenvolvimento em uma ciência. O primeiro passo, no sentido dessa reabilitação, consistiria em legitimar a imprescindibilidade do geógrafo assumir a analítica do ser-aí (procedimento que constitui a fonte da elaboração da questão acerca do sentido do ser na ontologia fundamental de Ser e Tempo) antes das requisições que lhe são usualmente atribuídas, notadamente nas esferas da pesquisa aplicada ou epistemológica. Quando se considera o modo com o qual se efetivou na ciência geográfica tanto a reflexão ontológica quanto, sobretudo, a assimilação do pensamento de Heidegger a posição [perspectiva] acima esposada não é, de modo algum, evidente (REIS; SANTOS, 2019)

É, assim, através da perspectiva mais geral, evidenciada acima, que o presente trabalho tem em vista contribuir para uma Geografia em bases ontológico-existenciais cujos elementos básicos serão desenvolvidos no próximo item.

### **GEOGRAFIA EM BASES ONTOLÓGICO-EXISTENCIAIS ATRAVÉS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO DE HEIDEGGER: O SIGNIFICADO DO EXISTENCIAL SER-EM.**

O propósito de desenvolver, a partir do pensamento de Heidegger, uma investigação sobre o problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia concentrando-se, basicamente, na exposição do existencial ser-em constitui, necessariamente, uma forma de



legitimar a abertura de um campo de investigação fenomenológico das bases ontológico-existenciais desta ciência. Por isso, apreender, ainda que em seus traços mais básicos, o sentido de método que Heidegger imputa à fenomenologia, sobretudo no âmbito da Ontologia fundamental aspirada em *Ser e Tempo* é absolutamente indispensável à presente pesquisa. A peculiaridade, contudo, do modo com o qual o filósofo apreende a fenomenologia enquanto método está diretamente relacionada à peculiaridade do “assunto” que é investigado em *Ser e Tempo*, a saber, a questão do sentido de Ser em geral. Por isso, a peculiaridade de ambos, isto é, do método fenomenológico e da questão do sentido de Ser se requisitam mutuamente numa dinâmica de auto exposição que é instaurado desde o primeiro parágrafo de *Ser e Tempo* e se mantém sustentando todo o escopo da Ontologia fundamental e, por isso, a rigor, somente através de uma investigação ontológica concreta torna-se, de fato, inteligível o sentido de método *estrito senso* que a fenomenologia possui para Heidegger. No presente trabalho, a própria delimitação do escopo com o qual a pesquisa recorre à fenomenologia resguarda a concretude da investigação proposta, bem como seus limites, que são enunciados desde o título, a saber: a pesquisa tem como foco a exposição do significado do existencial “ser-em” para a descrição fenomenológica do espaço em Ser e Tempo, tendo em vista, precipuamente, contribuir para a investigação das bases ontológico-existenciais da Geografia. Não se trata, portanto, absolutamente de aspirar a reprodução da fenomenologia “heideggeriana” *per si* nesta ciência, procurando estabelecer correlações e analogias formais entre as formulações do filósofo que, supostamente, diriam respeito à conceptualidade ou a alguma questão de método específico desta disciplina – de modo algum. Trata-se, antes, de aspirar as diretrizes do método fenomenológico de investigação enquanto geógrafo e, através da assimilação dessas diretrizes, ter em vista a repercussão efetiva dessa “orientação filosófica” especificamente direcionada para o problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia. Assim, não obstante a requisição direta ao método fenomenológico de investigação e a necessidade de arcar com a integralidade das implicações que essa requisição impõe para preservar a consistência do próprio método, isso não significa, de forma alguma, uma desarticulação e autonomização na lida com a fenomenologia em relação à Geografia.

Não obstante as ponderações acima, acerca da indicação dos limites estritos com os quais a pesquisa está orientada, há elementos básicos do pensamento do filósofo que, a princípio, em função do seu caráter geral, não revelariam uma convergência direta com o propósito estrito da presente pesquisa, mas, entretanto, não podem ser preteridas, na medida



em que não sendo consideradas, comprometeriam, desde à base, a assimilação de elementos absolutamente irreduzíveis à própria consistência da interpretação do pensamento do filósofo a partir de uma ciência particular. O reconhecimento desses condicionantes impõe, necessariamente, uma exposição relativamente seletiva dos elementos mais gerais e básicos de seu pensamento, sem os quais a orientação específica da presente pesquisa (o foco no existencial “ser-em” com vistas à descrição fenomenológica do espaço) absolutamente não se sustentam. Resta, pois, trazer à tona esses elementos básicos procurando, tanto quanto for possível, remetê-los à problemática específica da presente pesquisa.

Para tanto buscar-se-á seguir uma “sistemática” que irá priorizar uma sequência de exposição de dois elementos básicos, cujo encadeamento necessário permitam o acesso ao existencial “ser-em” de forma consistente. Quanto a isso, não há dúvida que a necessidade de retomada da elaboração da questão sobre o sentido de Ser constitui o elemento mais irreduzível que atravessa a integralidade do pensamento de Heidegger. Sendo assim, o próprio interesse de se estabelecer uma interlocução com o filósofo, a partir de uma ciência específica, deve assentar no nexos que a referida questão possui com a investigação científica, na medida em que esse nexos corresponderia à intersecção entre o pensamento do filósofo e a(s) ciência(s), resguardando o elemento comum entre eles e, desse modo, seria afastado o risco de se preferir o âmbito próprio da ciência em favor do questionamento filosófico ou vice-versa. Se, se acompanhada, por sua vez, o modo com o qual o próprio o filósofo desdobra a questão cardeal de seu pensamento, acerca do sentido de Ser, constata-se, desde a introdução de *Ser e Tempo* que, embora o escopo da referida questão não tenha precipuamente em vista um programa filosófico voltado ao âmbito da fundamentação ontológica das ciências, esse âmbito não somente não é incólume às repercussões que a reabilitação da questão sobre o sentido de ser suscita, como, além disso, a elaboração concreta da retomada desta questão pelo filósofo traz expressamente à tona a possibilidade de fomentar a pesquisa sobre a ontologia nas ciências.

Imediatamente associado à necessidade de retomar a elaboração da questão sobre o sentido de ser, destaca-se um segundo elemento irreduzível ao pensamento do filósofo: a analítica do ser-aí constitui o fio condutor a partir do qual deve ser iniciada uma investigação fenomenológica concreta da questão sobre o sentido de ser. Esse direcionamento para a analítica do ser-aí assenta-se, por um lado, na constatação de que o “ser é sempre o ser de um ente” e, por outro lado, na constatação de que o ser-aí destaca-se - na totalidade dos entes -



como o ente insigne na medida em que sua própria existência implicar uma relação intrínseca de abertura à compreensão de ser, o que corresponde, para o filósofo, ao “primado ôntico-ontológico do ser-aí” na colocação da questão sobre o sentido de ser.

As implicações dos elementos básicos acima referidos irão afetar toda interlocução com o pensamento do filósofo que se desenvolve a partir de uma ciência particular. Isso por uma razão que se revela tão evidente quanto impositiva, qual seja: todo o diálogo encetado com o filósofo a partir de uma ciência particular implica, necessariamente, compatibilizar o âmbito próprio da investigação científica com (i) a necessidade de retomar a elaboração da questão sobre o sentido de ser e, (ii) assimilar a analítica do ser-aí (como fio condutor da retomada da questão cardeal, em função do primado ôntico-ontológico do ser-aí). A consequência desses condicionantes confluí, por sua vez, para à perspectiva esposada e enunciada desde a introdução da pesquisa, a saber: a reabilitação do problema da fundamentação ontológica constitui o foco sobre o qual uma ciência específica deveria se restringir para que o elemento propriamente fenomenológico do filósofo possa ser conquistado e aberto ao desenvolvimento consistente em uma ciência. Desse modo, somente perfazendo a tarefa da elaboração da questão sobre o sentido de ser, seguindo estritamente o fio condutor da analítica do ser-aí intrínseca ao “primado ôntico-ontológico do ser-aí” torna-se efetivamente possível assimilar as formulações da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger preservando-lhes a consistência fenomenológica que lhes são próprias.

A importância dessa sucessão de advertências desenvolvidas acima não é debitária de um formalismo metodológico ou de um enlevo de interpretação ortodoxa do filósofo, mas possui desdobramentos dotados de uma concretude efetiva, no que respeita à assimilação das diretrizes do método fenomenológico, dentre os quais um se destaca de modo saliente, a saber: não faz sentido algum recorrer, a partir de uma ciência específica, à fenomenologia “heideggeriana” com o propósito de detectar, em sua vasta obra, formulações “conceituais” que, supostamente, seriam convergentes a conceptualidade de uma determinada ciência e, assim, transpor as formulações “heideggerianas” para o debate teórico-metodológico ou epistemológico para o interior de uma ciência. Através desse tipo de encaminhamento – que, a propósito, é muito recorrente – o que se verifica é uma assimilação meramente formal que, via de regra, redundará numa retórica vazia que se efetiva pela analogia formal entre o arcabouço categorial de uma disciplina com as formulações do filósofo. Dito de forma mais direta e, também, tendo em vista o caso específico da Geografia: não faz sentido encetar um diálogo



com Heidegger procurando extrair de sua vasta obra noções que, a princípio, seriam convergentes à Geografia, porquanto resguardariam um nexos com a “dimensão geográfica” ou espacial da “realidade”. Transpor, por exemplo, as noções de “lugar”, “região”, “habitar”, “ser-no-mundo” e, no que importa diretamente ao presente trabalho, “ser-em” e “espaço existencial” sem divisá-las em consonância com o sentido que essas formulações possuem para a questão cardeal do filósofo sobre o sentido de ser através da condução da analítica do ser-aí constitui o caminho mais imediato para transfigurar o sentido mesmo dessas formulações e, por conseguinte, esterilizar o diálogo com o filósofo. De outra forma, é tendo em vista as ponderações arroladas acima que as diretrizes do método referidas em *Ser e Tempo* preservam sua consistência propriamente fenomenológica. É nesse sentido que torna-se possível, por sua vez, apreender assertivas pontuais do filósofo tais como, por exemplo: “A ontologia só é possível como fenomenologia” (HEIDEGGER, 2006; p.75) na medida mesma em que a “fenomenologia é a ciência do ser dos entes – é ontologia” (HEIDEGGER, 2006; p.77); e, por isso, a analítica do ser-aí constitui “o primeiro desafio à elaboração da questão do ser” (HEIDEGGER, 2006; p.54) e, assim, “É por isso que se deve procurar, na analítica existencial do ser-aí<sup>3</sup>, a ontologia fundamental de onde todas as demais podem originar-se” (HEIDEGGER, 2006, p.49), o que incluiria, sob essa orientação, a ontologia do espaço na ciência geográfica. Igualmente, com base no que foi expresso, torna-se possível encaminhar a exposição do significado do existencial ser-em enquanto momento da analítica do ser-aí associada à descrição do fenômeno ser-no-mundo, na medida em que os argumentos precedentes forneceriam subsídios para uma interpretação consoante ao sentido fenomenológico que essas formulações possuem e, assim, pode ser preservado esse sentido e direcioná-lo ao problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia, sob

---

<sup>3</sup>No presente trabalho optou-se pela tradução de Dasein por ser-aí, considerada como mais adequada para o debate atual na pesquisa brasileira em geografia sobre o assunto. Por isso, embora o presente trabalho utilize a edição brasileira de *Ser e Tempo*, na qual Dasein é traduzido por presença, nas passagens citadas de *Ser e Tempo* inserimos essa alteração e as adequações correspondentes. Essa opção ponderou, igualmente, as justificativas para a tradução de Dasein por presença (prefácio da edição revisada de *Ser e Tempo*, em 2006, feito pela tradutora Márcia Schuback); bem como as justificativas para traduzir Dasein por ser-aí, apresentadas por Marco Casanova na tradução de diversos livros do filósofo expostas, de modo detido, na apresentação da tradução brasileira do livro de Heidegger intitulado *Introdução à Filosofia*).



a via do pensamento de Heidegger. Nesse sentido, é sobretudo oportuno ao propósito da presente pesquisa destaca que um dos primeiros movimentos que conduzem a retomada da elaboração da questão sobre o sentido de Ser na Ontologia fundamental em *Ser e Tempo*, que se segue imediatamente à identificação do primado ôntico-ontológico do ser-aí se efetiva, de saída, através da descrição do fenômeno ser-no-mundo, descrição essa que envolve, preliminarmente a exposição do existencial “ser-em” que precede a descrição do fenômeno da mundanidade do mundo. Esse primeiro movimento da analítica existencial assenta-se na equivalência imediatamente estabelecida pelo filósofo do ser-aí como ser-no-mundo, de tal forma que o “aí” constitui um correlato ao mundo, enquanto o “ser-no” que compõe a integralidade do “ser-no-mundo” demanda um esclarecimento acerca do “ser-em” enquanto um existencial constitutivo ao ser-aí (ek-sitência). Importa, em função do propósito da presente pesquisa, concentrar e restringir a exposição subsequente à exposição do existencial “ser-em” e, para tanto, é estritamente pertinente acompanhar o modo com o qual o próprio filósofo elabora e responde expressamente a pergunta acerca do significado conceitual desse existencial:

“O que diz ser-em? De saída, complementamos a expressão dizendo: ser ‘em um mundo’ e nos vemos tentados a compreender o ser-em como um estar ‘dentro de’. Com esta última expressão, designamos o modo de ser de um ente que está num outro, como a água está no copo, (...). Com este ‘dentro’ indicamos a relação recíproca de ser de dois entes extensos ‘dentro’ do espaço, no tocante a seu lugar neste mesmo espaço. (...). Ser simplesmente dado ‘dentro’ do que está dado, ..., no sentido de uma determinada relação de lugar, são caracteres ontológicos que chamamos de categorias. Tais caracteres pertencem ao ente não dotado do modo de ser do ser-aí (Dasein). O ser-em, ao contrário, significa uma constituição de ser do ser-aí e é um existencial. Com ele não se pode pensar no ser simplesmente dado de uma coisa corpórea ‘dentro’ de um ente simplesmente dado. O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está espacialmente ‘dentro de outra’ porque, em sua origem o ‘em’ não significa de forma alguma uma relação espacial dessa espécie; ‘em’ deriva-se de innan-, morar, habitar,...; ‘an’ significa: estou acostumado a,..., familiarizado com,...; possui o significado de colo, no sentido de habito e diligo [...]”. (HEIDEGGER, 2006. p,100; grifos nossos)

O sentido da citação acima, mais do que expor uma definição do existencial “ser-em”, é reveladora de que a experiência característica ao pensamento fenomenológico implica na distinção entre duas modalidades de caracteres ontológicos fundamentais: os existenciais e as categorias. Desse modo, uma condição para a interpretação do significado da noção de “ser-em” envolve uma elucidação do teor característico da noção de “existencial” que, a propósito, é evocada desde o título do trabalho sem que, até o momento, tenha sido devidamente qualificada. De forma sintética, os existenciais correspondem a um tipo de formulação conceitual consoantes à análise e descrição fenomenológica do ser-aí, que



constitui o ente dotado do primado ôntico-ontológico para a elaboração da questão do sentido de ser e, assim, exigem uma conceptualidade distinta em relação aos demais entes que não possuem o caráter de ser-aí que, por isso, podem ser determinados através da interpelação categorial característica dos conceitos lógico-formais. É nesse sentido que o filósofo sublinha de modo reiterado, desde a Introdução de Ser e Tempo à distinção entre existenciais e categorias, tal como se verifica na seguinte passagem: “[...] Denominamos os caracteres ontológicos do ser-aí de existenciais porque eles se determinam a partir da existencialidade. Estes devem ser nitidamente diferenciados das determinações ontológicas dos entes que não tem o modo de ser do ser-aí, os quais chamamos de categorias” (HEIDEGGER, 2006, p. 88). Nesse sentido, enquanto existencial a formulação ser-em refere-se a um modo de ser do ser-aí, ou como explicita o filósofo: “O ser-em, ao contrário [do modo de ser dos entes que não possuem o caráter de ser-aí], significa uma constituição do ser-aí e é um existencial. Com ele, portanto, não se pode pensar no ser simplesmente dado de uma coisa corpórea (o corpo vivo do humano) ‘dentro’ de um ente simplesmente dado.” (HEIDEGGER, 2006, p. 100) visto que, de acordo com o filósofo, os entes que podem ser determinados como estando “dentro” de algo são dotados de um modo de ser radicalmente distinto do ser-aí:

“[...] Esses entes que podem ser determinados como estando um ‘dentro’ do outro, têm o modo de ser do que é simplesmente dado, como coisa que ocorre ‘dentro’ do mundo. Ser simplesmente dado ‘dentro’ do que está dado, o ser simplesmente dado junto com algo dotado do mesmo modo de ser, no sentido de uma determinada relação de lugar, são caracteres ontológicos que chamamos de categorias. Tais caracteres pertencem ao ente não dotado do modo de ser do ser-aí.” (HEIDEGGER, 2006, p. 99-100).

É por isso que, em consonância com o exposto na passagem acima, a mera “importação” das noções contidas na obra de Heidegger para o plano interno das ciências, que se efetivam através da analogia formal entre os conceitos de uma ciência e as formulações contidas no pensamento do filósofo conduzem, reiteradamente, a uma interpretação, via de regra, equivocada. Isso se verifica na medida em que através dessa lida a tendência é imputar uma interpretação categorial – característica da pesquisa científica aplicada – às formulações que, precipuamente, constituem existenciais. Sob essa via, os correlatos conceituais que a analítica do ser-aí manifestam para ciências tais como a antropologia, a psicologia, a sociologia, a biologia, etc, passam ao largo do significado que, efetivamente, eles possuem enquanto existenciais (ser-aí; ser-no-mundo; ser-com; ser-em; etc), e que poderiam efetivamente amparar uma investigação das bases ontológico-existenciais das ciências. Essa interpretação não somente extravia o diálogo profícuo entre as ciências e a fenomenologia de



Heidegger como, via de regra, tende mesmo a obstruir o que poderia ser considerado fecundo nessa interlocução. No caso da ciência geográfica, a tendência de extravio ou obstrução se efetiva através da interpretação categorial de formulações que estão à base da própria gênese da analítica do ser-aí, tais como, notadamente, a própria interpretação da partícula “aí”, contida no “ser-aí”, tanto quanto, igualmente, na assimilação da noção de “ser-no-mundo” e, no bojo desta, do existencial ser-em e da noção de espaço como fenômeno originário que lhe corresponde. Por ser recorrente a tendência de interpretação categorial inadvertida dos existenciais, a literatura dedicada à interpretação do pensamento do filósofo constitui uma fonte fecunda no sentido de fornecer advertências quanto a esse problema. Nesse sentido, a passagem abaixo é lapidar:

“[...] Heidegger, em Ser e Tempo, fala da estrutura ser-no-mundo para dizer a constituição,..., da vida humana ali denominada Dasein [ser-aí]. (...). Em geral, deparamos com isso,..., com essa estrutura ser-no-mundo, e se diz: ‘Ah, isso é bom! Bom e intuitivo! É mesmo evidente! Entendo! É fácil entender e olhando bem, está na ordem das verdades imediatas.

Mas, ..., pode-se perguntar: Será? Será mesmo?! Esse óbvio, fácil, evidente – o que estará sob ele? Seria este óbvio o obstáculo, a trava maior para a visualização do fenômeno, da experiência que pulsa sob aquela formulação? (...).

Se examinarmos bem nossa compreensão imediata ou habitual desta formulação: ‘O homem, a vida ou a existência humana, é ser-no-mundo’, nos daremos conta que partimos de um hábito, de um vício,..., que é ser como habitualmente se é. (...). É justamente para fora desse hábito que nos convida a filosofia, aqui, agora, no caso, pela via da formulação [ser-no-mundo] anunciada. [...].

E o vício ou hábito aludido é o seguinte: frente à frase, de modo vago, indeterminado, sem formulação ou explicitação, representa-se, pensa-se,..., homem como um algo já dado, feito ou constituído, quer dizer, já fixado, seja como um eu, ou como uma alma [para a psicologia], ou como um indivíduo, ..., em suma, como um sujeito e este tipo,..., a saber, este ‘eu’, ou ‘pessoa’,..., ou ‘alma’ – enfim, esta subjetividade se abre, se volta (...) para o seu redor, para o que está à sua volta e que é, deve ser a somatória das coisas que o circundam (espaço) e que, oportunamente, se denomina mundo. Portanto, falsifica-se ou obstaculiza-se a experiência pulsante na formulação mencionada, seja porque se .... preconcebe-se o homem, como um algo, ..., seja porque se imagina ou preconcebe-se mundo como o conjunto, o somatório indefinido, pardo, cinzento de todas as coisas, ou ainda em razão de ambos os motivos ao mesmo tempo – o que de fato, sempre se dá.

O que a formulação, na verdade, quer dizer, é mais ou menos o seguinte: um eu, ..., uma consciência, etc..., enfim, um ou algum homem constituído (um sujeito ou uma subjetividade determinada) é isso que assim aparece, porque antes é, dá-se ou faz-se a estrutura ser-no-mundo. Esta é o que sempre já se deu (...). Ou seja, o homem, todo ou qualquer tipo já constituído, é coisa tardia, epígona (FOGEL, 2015; p. 17 – 18; grifo nosso).

A passagem acima capta, de maneira estrita, a tendência interpretativa que acometeu à assimilação do pensamento de Heidegger, a pretexto de base fenomenológica para a ciência geográfica, no contexto da Geografia humanista: uma interpretação não somente tributária de uma concepção subjetiva da existência humana, mas, inclusive, do significado estrito da terminologia cunhada pelo filósofo, para conduzir à retomada da questão sobre o sentido de



ser, notadamente referida à interpretação da estrutura ser-no-mundo, que se prestou a toda sorte de interpretação subjetivista, humanista e antropocêntrica na Geografia – esposando um sentido, portanto, radicalmente oposto àquele aspirado pelo filósofo, como a passagem do comentador acima citada ratifica. Pela relevância e convergência que resguarda ao propósito da presente pesquisa, cabe trazer à tona, no mesmo sentido, a passagem abaixo extraída de uma publicação de um autor que se notabilizou pela tradução, respectivamente interpretação da obra de Heidegger para o português:

“Ser, para o homem, já sempre implica se ver abruptamente jogado no mundo enquanto campo histórico de possibilidades específicas. Mundo é o horizonte de manifestabilidade dos entes enquanto tais na totalidade (...). A questão, com isto, passa a ser descrever propriamente tal horizonte e mostrar em que medida ‘as determinações de ser do ser-aí precisam ser vistas e compreendidas, então, a priori com base na constituição ontológica, que é denominada ser-no-mundo’. No que concerne a essa expressão [ser-no-mundo], Heidegger se apressa em estabelecer uma distinção primária. Em verdade, ao escutarmos a expressão ‘ser-no-mundo’, nós imediatamente nos movimentamos em um registro conceitual que transgride simplesmente a distinção entre o ente dotado de caráter de presença à vista e o existente [ser-aí]. Na sua determinação mais imediata, a expressão ser-no-mundo parece dizer algo assim como um estar dentro do mundo, tomando mundo a princípio como um recipiente e o homem como conteúdo. (...). O problema dessa determinação é que ela desconsidera o fato de que a relação entre o existir e o mundo [para Heidegger] não é uma relação entre dois entes presentes à vista, entre dois entes por si subsistentes previamente dados. Tal relação, que Heidegger denomina categorial, é incompatível com o caráter existencial do ser-aí humano. Mundo não é uma coisa mais extensa do que o ser-aí, mundo é o correlato intencional do existir em sua ekstase originária. Assim, para que se possa radicalmente ir ao encontro do sentido propriamente do mundo, é necessário desde o princípio pensar o “em” que liga ser e mundo como um existencial e não como uma categoria. (CASANOVA, 2015; p. 17 – 18).

A passagem acima traz à tona, ainda que de modo pontual, a convergência que uma interpretação fenomenológica do existencial ser-em (que implica na assimilação da formulação ser-no-mundo através da analítica do ser-aí) resguarda com o problema da relação homem-meio (sociedade-natureza) na Geografia. Trata-se de uma via radicalmente distinta do modo com o qual a Geografia crítica-radical trata o assunto, através de seu estatuto de resolução ontológica no qual o ser é socialmente determinado; e, da mesma forma, constitui uma via distinta daquela que, em geral, a Geografia humanista tratou o assunto, através de uma interpretação humanista de Heidegger, procurando valorizar a subjetividade e experiência subjetiva do espaço, o quê, conforme o desenvolvimento do texto evidenciou, encerra uma via não apenas distinta do modo com o qual o filósofo compreende a relação do ser-aí humana com o espaço, mas, antes, constitui uma via contrária e, em certa medida, obstrutiva à inteligibilidade que da forma com a qual seria possível pensar o assunto a partir de Heidegger.



## RESULTADO E DISCUSSÕES

Com base no desenvolvimento da pesquisa tornou-se patente que o tratamento dispensado à ontologia do espaço na Geografia crítica-radical e a assimilação do pensamento de Heidegger na Geografia humanista passam ao largo de elementos básicos do pensamento de Heidegger, dentre os quais destacam-se a necessidade de se considerar, na interlocução com o filósofo, o problema da diferença ontológica entre ser e ente e, através disso, reabilitar o problema da fundamentação ontológico-existencial de uma ciência. Sob esse encaminhamento se impõe, de modo incontornável, a necessidade do geógrafo assumir a analítica do ser-aí como procedimento básico do método fenomenológico em Heidegger e, por conseguinte, da tarefa para a qual ela foi formulada, a saber: retomar a elaboração da questão sobre o sentido de ser. A analítica do ser-aí, por sua vez, revela-se, desde o seu primeiro movimento de análise, frontalmente incompatível com qualquer concepção prévia acerca da existência humana e, por isso, requisita uma experiência de pensamento radicalmente incompatível com qualquer modalidade de humanismo. A presente pesquisa procurou contribuir para o entendimento do assunto, apontando a possibilidade de uma interlocução profícua com o filósofo direcionando-a para o problema da fundamentação ontológica do espaço geográfico. Esse direcionamento, como foi observado, pode ser desenvolvido, a princípio, através de uma interpretação do existencial ser-em, que constitui o fio condutor para o acesso à assimilação do espaço existencial em *Ser e Tempo*. Para tanto, contudo, foi constatado a imposição de uma condição *sine qua non*, a saber: que o geógrafo assuma a analítica do ser-aí como um procedimento incontornável, sem o qual não é absolutamente possível divisar uma interpretação fenomenologicamente consistente do pensamento do filósofo, dentre as quais está diretamente implicada a diferença entre categorias e existenciais, que aponta para a diferença ontológica entre ser e ente. A interpretação fenomenológica do ser-em é trazida à tona na própria gênese da analítica do ser-aí, que é principiada pela equivalência entre ser-aí como ser-no-mundo, cuja análise e descrição fenomenológica se efetiva pela interpretação do existencial ser-em, enquanto “elemento” intrínseco do fenômeno ser-no-mundo. O acompanhamento dessa análise e descrição fenomenológica impõe, por conseguinte, a própria experiência de pensamento do ser-em enquanto existencial. Portanto, sem fomentar essa experiência entre os geógrafos não é possível desenvolver na ciência geográfica uma investigação sobre a fundamentação ontológico-existencial do espaço, bem



como os desdobramentos profícuos que seriam decorrentes dessa investigação. Tendo em vista a presença que se poderia considerar, de modo geral, periférica ou residual que a analítica do ser-aí integra o debate contemporâneo na Geografia, quando se considera especificamente as publicações dedica ao tema da ontologia do espaço, bem como, igualmente, as publicações que recorrem à influência de Heidegger, um resultado que se impôs à pesquisa foi a constatação de que o campo de investigação fenomenológica sobre o espaço - a partir do referido filósofo – resguarda muito trabalho e pesquisas para serem desenvolvidos pelos geógrafos. Nesse sentido, a pesquisa pôde constatar que mais importante do que a reprodução dos conceitos e formulações do filósofo convergentes com a “dimensão espacial” e, mesmo, a reprodução das noções associadas ao espaço contida na vasta obra do filósofo, que, a princípio seriam convergentes com a disciplina, não constitui, necessariamente, um encaminhamento profícuo no diálogo entre os geógrafos com o filósofo. Antes disso, se impôs a constatação de considerar um modo de compatibilizar o pensamento de Heidegger com uma ciência específica, no caso, a Geografia e, para tanto, a pesquisa detectou uma via que se concentraria na retomada da investigação do problema da fundamentação ontológica do espaço, que pode ser encetada, a princípio, pela assimilação, através da analítica do ser-aí, do existencial ser-em. Sob essa via, sugere-se, torna-se possível aceder à interpretação do espaço existencial contida no pensamento do filósofo, ao tempo em que se divisa a possibilidade de retomar a discussão da fundamentação ontológica da Geografia sob a via da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A interpretação do existencial ser-em contida na Ontologia fundamental de *Ser e Tempo* revelou uma série de condicionantes que, ao fim e ao cabo, se revelaram mais relevantes do que a busca de um conceito de espaço ou de noções mais diretamente relacionadas à “dimensão espacial” na obra de Heidegger. Dentre essas condicionantes, a primeira e mais fundamental, diz respeito ao reconhecimento de que uma interpretação fenomenológica do espaço só pode ser divisada, em consonância com o pensamento do filósofo, assumindo a tarefa de conduzir a investigação através da analítica do ser-aí. A partir desse ponto de partida desenvolve-se toda uma sucessão de encadeamentos analíticos que conduzem à uma interpretação fenomenológica do espaço existencial, notadamente através da depuração do existencial ser-em. Não considerar o caráter incontornável desse



encaminhamento, por sua vez, teria, dentre outras consequências o efeito de submeter a interpretação das formulações do filósofo enquanto existenciais, uma interpretação categorial e, assim, seria radicalmente transfigurada a experiência de pensamento que o filósofo procurou desenvolver em sua Ontologia fundamental. Esse extravio, contudo, não é incomum, quando se observa a extensão com a qual, de modo insuspeito, toda uma gama de formulações do filósofo é “importada”, de forma bastante direta e imediata para o plano interno do debate teórico-metodológico da disciplina, via de regra a pretexto de fomentar o debate epistemológico ou, mesmo, fornecer uma retórica conceitual trivializada para supostamente fundamentar pesquisas empírico-aplicadas na Geografia. Quanto a isso, a presente pesquisa pretendeu contribuir para fomentar o diálogo com o filósofo apontando para uma via bastante distinta, que já incitou pesquisas na disciplina e resguarda, por sua vez, muito a ser desenvolvido, a saber, direcionar à interlocução com Heidegger tendo em vista reabilitar o problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia. Por essa via, um primeiro passo envolve a interpretação do existencial ser-em, que só pode ser divisado, se o geógrafo assumir a analítica do ser-aí. Sob esse encaminhamento, toda uma miríade de condicionantes intrínsecos ao método fenomenológico de investigação, tal como o filósofo o apreende, vão se impondo e se articulando à própria dinâmica da pesquisa. Através dessa via o geógrafo irá, necessariamente, divisar uma interpretação fenomenológica do espaço existencial, que não se confunde com a reprodução e exposição teórica das formulações associadas à dimensão espacial em *Ser e Tempo*, nem mesmo dos parágrafos especialmente dedicados ao espaço neste livro (§§22-24) – absolutamente: de modo diverso, a via proposta concluiu, precipuamente, que o diálogo com o filósofo dispõe a possibilidade de abrir uma campo de investigação sobre as bases ontológico-existenciais da Geografia, isto é, uma Geografia fenomenológica, que fomentará uma interpretação do espaço como fenômeno cooriginário à existência humana.

## REFERÊNCIAS

- CASANOVA, Marcos Antonio. **Mundo e Historicidade. Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo**. Rio de Janeiro. Editora Via Verita. 2015.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. SP: Perspectiva, 2011.
- ELDEN, Stuart. Contribution to Geography? The space of Heidegger's Beiträge. **Environment and Planning D: Society and Space**, UK, V. 23, p. 819-827. 2005.
- \_\_\_\_\_. **Mapping the Present: Heidegger Foucault and the Project of a Spatial History**. London: Continuum, 2001.
- FOGEL, G. **Homem, Realidade, Interpretação**. Rio de Janeiro. Editora Mauad X, 2015.



- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HARVEY, D. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo. Editora Hucitec, 1980.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 8°. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- JORONEN, Mikko. **The Age of Planetary Space: On Heidegger, Being, and Metaphysics of Globalization**. 2010. 227f. Tese. Departamento de Geografia, Universidade de Turku, 2010.
- PICKLES, John. **Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MARANDOLA Jr, Eduardo. Prefácio. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Editora perspectiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Fenomenologias do ser-situado**. crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Ed. Unesp. 2021.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. Em Busca da Ontologia do Espaço. In: MOREIRA, Ruy (Org.) **Geografia: Teoria e Crítica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.
- OLIVEIRA, L. A. **Deixar aprender: o ensino de geografia como educação geográfica existencial**. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Geociências, UEL, 2017.
- REIS, Luis Carlos Tosta dos. Ontologia do espaço e movimento de renovação crítica da Geografia: o desafio da diferença ontológica. **Revista Geografares**. N. 7. Vitória – Ufes, 2009.
- \_\_\_\_\_. Ontologia da Produção do espaço na Geografia: uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Heidegger sobre a técnica. **Geografares**, Vitória nº 13, p. 01-39, dez. 2012.
- REIS, Luis Carlos Tosta dos; SANTOS, J. M. O resgate da investigação ontológica na Geografia através da Fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger. In: **Anais do XII Encontro Nacional da ANPEGE**. Porto Alegre, 2017.
- SANTOS, Josimar Monteiro. **Horizonte humanista e fenomenologia na geografia: o problema da assimilação humanista do pensamento de Martin Heidegger**. (Dissertação de mestrado). Pós-Graduação em geografia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.
- SANTOS, Josimar Monteiro; REIS, Luís Carlos Tosta dos. Horizonte Humanista na Geografia e a Fenomenologia: O Problema da “Fenomenologia Geográfica”. In: GOMES, Ingrid Aparecida. **A Produção do Conhecimento Geográfico**. Ed.3. PR: Atena Editora, 2018. p. 44-52.
- \_\_\_\_\_. O problema da interpretação humanista do pensamento de Martin Heidegger na geografia humanista brasileira. **Boletim Campineiro de Geografia**, v.9, n.1, 2019.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: EDUSP, 1978.
- SILVA, Armando Corrêa da. O Espaço como Ser: uma auto-avaliação crítica. In: MOREIRA, Ruy (Org.) **Geografia: Teoria e Crítica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.
- SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991.
- ZADOROSNY, L. **A Dimensão Ontológica na Geografia: um paralelo entre o horizonte da crítica-radical e o pensamento de Heidegger**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2019.